

INTERNACIONALIZAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS

Págs. 2 e 3

Literatura – –Mundo em «Trilogia de antologias»

Pág. 4



Cinema de animação em Luanda

Pág. 4

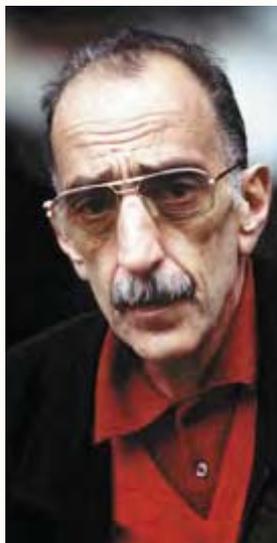


Gonçalo M. Tavares e Cabrita Reis na Bélgica

Pág. 4

Cinema português no estrangeiro

Qualidade, baixo custo e eficácia



João César Monteiro, Pedro Costa e Manoel de Oliveira

«A ideia é praticamente consensual: o cinema é uma das formas mais eficazes de ação cultural externa. É o que dizem quatro agentes culturais portugueses no estrangeiro – Chile, Coreia do Sul, Espanha e Israel – que, em 2010, tiveram o cinema em destaque nas suas programações.

Primeiro, é eficaz, pela sua qualidade reconhecida. «É um dos objetivos da minha vida perceber

como é que, na ponta ocidental da Europa, há um país que esteve sempre à frente do ‘ar dos tempos’ em termos de cinema». A afirmação de Yoo Un-seong, programador do Festival de Jeonju, na Coreia do Sul, relatada por Paulo Lopes Graça, 1.º secretário na Embaixada de Portugal em Seoul, com tutela da área cultural, quase parece excessiva. Mas não é única. Na *Semana de Cinema Português* em Israel,

um espectador perguntou «como é que um país da dimensão de Portugal consegue produzir tanto e tão bom cinema», conta Fernando Ferreira da Silva, responsável pela cultura na Embaixada portuguesa.

Não é só a qualidade que faz do cinema uma boa aposta. «Atendendo à projeção internacional do nosso cinema, aos custos de programação quando comparados com outras formas de expressão artística e à

variedade da nossa oferta cultural nesta disciplina, creio que o uso do cinema deve ser uma das grandes apostas na internacionalização da cultura portuguesa», declara Luís Chaby Vaz, conselheiro cultural na Embaixada de Portugal em Madrid.

Uma opinião partilhada por Natividade Lemos, leitora do Instituto Camões (IC) no Chile, com responsabilidades na programação cultural da Embaixada de Portugal em Santiago, que acrescenta a sua eficácia como meio de «transmissão de estados e vivências, anseios e memórias identitárias» de um país, devido ao seu caráter de ‘experiência (quase) total’, ao recorrer à imagem, ao som e à escrita (legendagem).

Paulo Lopes Graça considera a utilização externa do cinema «de importância fulcral, talvez mais ainda no continente asiático do que noutros». O cinema pode, em seu entender, colmatar o desconhecimento existente na Coreia do Sul da realidade contemporânea de Portugal, até porque «tem longa e meritória tradição de ser socialmente ‘interessado’ e caracterizador».

Fernando Ferreira da Silva, em Israel, coloca a questão num plano que ultrapassa o cinema e é de grande atualidade. «A cultura – e nela, indubitavelmente o cinema – não é nem pode ser vista como um fardo para as finanças públicas. Muito pelo contrário. A cultura, defende, «tem retornos muito superiores aos investimentos feitos». Exemplifica com a publicação em hebraico do *Memorial do Convento* (José Saramago), financiada pelo IC, que «teve como ‘consequência’ numerosas viagens de israelitas a Portugal» para visitarem o Convento de Mafra.

Na mesma linha, Natividade Lemos, refere que o cinema promove «ícones culturais» (Manoel de Oliveira, Saramago...), que servem

de «cartão de visita – a Portugal, neste caso», com repercussões não apenas no estreitamento de laços culturais, mas também nos «benefícios económicos que daí advêm». «A cultura emerge nos dias que correm como algo exportável, assumindo-se (...) como uma indústria».

O ESTADO DA ARTE

Mas qual é afinal o estado do cinema português nestes países? O balanço que Chaby Vaz faz para Espanha fala por si: «A imagem é boa e somos referenciados com um cinema de qualidade e elevado interesse cultural. Os grandes nomes do cinema português são conhecidos, respeitados e a sua obra é acompanhada com interesse. A crítica é recetiva e os nossos autores são frequentemente convidados para conferências, *workshops* [oficinas de trabalho] e júris dos grandes eventos de cinema em Espanha».

Daqui resulta que o cinema português «tem público em Espanha». «Existem promotores e distribuidores que apostam no nosso cinema e que apoiam a sua divulgação. Também as grandes instituições culturais espanholas (na área do cinema, mas não só) estão interessadas e apoiam a divulgação», acrescenta.

Noutras latitudes, Paulo Lopes Graça sublinha a «diferença colossal entre o grande público e o público cinéfilo». «Até hoje, apenas dois filmes portugueses foram adquiridos para distribuição comercial na Coreia», resultado do domínio das grandes distribuidoras e da morte das pequenas salas. Mas em Seoul e noutras cidades, cineclubes e salas alternativas «vão conhecendo um maior dinamismo que nos poderá ser benéfico». Para já, «o cinema português é ainda, aqui, sinónimo de três nomes: Manoel de Oliveira, João César

Espanha

«Em 2010, o cinema foi, mais uma vez, uma das principais apostas na programação portuguesa em Espanha, diz Luís Chaby Vaz, conselheiro cultural na Embaixada de Portugal em Madrid. O cinema teve lugar de destaque nos dois principais eventos, *Portugal Convida* (na Catalunha) e *Mostra Portuguesa*, no quadro da qual se realizou um ciclo dedicado a João César Monteiro. Filmes portugueses marcaram também presença em muitos festivais – dedicados a curtas-metragens, documentários e ficção – e ciclos de cinema consagrados ao cinema europeu ou português.

Em 2011, as linhas de programação vão ser mantidas, garante Chaby Vaz. «Apostaremos nas principais instituições culturais espanholas como veículos para dar a conhecer o cinema nacional», acrescenta, destacando o papel da

Filmoteca de España. Também será dada especial atenção aos festivais mais importantes de Espanha.

Coreia do Sul

«Em 2010, com o apoio do IC e da Embaixada de Portugal, o Festival Internacional de Cinema de Jeonju – o 2.º maior da Coreia do Sul, com 90 mil espectadores, palco do cinema independente e das novas tendências do cinema de autor na Ásia – promoveu, com sucesso assinalável, uma retrospectiva integral da obra do realizador Pedro Costa», afirma o diplomata Paulo Lopes Graça.

Este primeiro «contacto próximo» com a filmografia de Pedro Costa foi também ocasião para editar a primeira obra em coreano (e inglês), igualmente com o apoio do IC, numa tiragem (já esgotada) de 2 mil exemplares, sobre o realizador português e abriu possibilidades de distribuição

da sua obra no mercado coreano. Mais de 300 pessoas participaram até ao fim numa longa sessão com Pedro Costa. «A reação do público foi francamente surpreendente: trata-se de um público informado, atento e francamente devotado aquilo de que gosta», diz Lopes Graça.

Em 2011, ano em que se celebram 50 anos do estabelecimento de relações diplomáticas entre Portugal e a Coreia do Sul, estão previstos «programas especiais» sobre a cinematografia portuguesa nos dois maiores festivais de cinema do país, Jeonju e Pusan – este o maior da Ásia e «verdadeira ‘central de compras’ para os distribuidores do continente», segundo o diplomata. O objetivo é «contribuir para que o cinema português, no mercado asiático, ‘dê o salto’ das salas de cineclubes para as salas comerciais».

Em Jeonju, está previsto «um ciclo dedicado ao *Novo Cinema* e ao cinema pós-revolução, centrado em três décadas – 60, 70 e 80», marcando «a maturidade da relação

daquele festival com o cinema português». Durante o festival, prevê-se ainda uma exposição de vídeo, coordenada por João Tabarra, cujo objetivo é «mostrar nomes de agora, do presente, que encaixem num país e num mercado como o é o coreano, com um dinamismo que, para quem, como eu, tem tensão baixa, é verdadeiramente estonteante», ironiza Lopes Graça.

Israel

«Em 2010, a Embaixada de Portugal organizou dois grandes eventos de cinema: a já habitual *Semana de Cinema Português*, a sexta consecutiva, nas Cinematecas de Telavive, Jerusalém e Haifa e, em simultâneo, um *Tributo a Manoel de Oliveira*, enuncia Fernando Ferreira da Silva, responsável pela cultura, imprensa e informação na Embaixada de Portugal.

Para 2011, o projeto é realizar a *VII Semana de Cinema Português*, em setembro, e participar num festival de cinema juvenil, em outubro, com o filme *Uma Aventura na Casa Assombrada* (2009), de Carlos Coelho da Silva.

Chile

«2.ª Mostra de Cinema Português, na Cinemateca Nacional do Chile, 12.º Festival de Cinema Europeu, na Pontifícia da Universidade Católica, ambos em maio, e 4.ª Mostra de Cinema Ibero-americano, em julho e mais uma vez na Cinemateca, foram os eventos marcantes da promoção do cinema português no Chile em 2010 pela rede diplomática e pelo IC, segundo Natividade Lemos, leitora com responsabilidades na programação cultural da Embaixada de Portugal em Santiago.

Os Mistérios de Lisboa ou *Lisboa* –

Monteiro e Pedro Costa», diz.

Se os israelitas «têm uma boa imagem» do cinema português», «fruto da qualidade das iniciativas até agora realizadas e dos filmes até aqui exibidos» – em seis anos, cerca de 40 longas-metragens – os chilenos pouco o conhecem, segundo Natividade Lemos. «O desconhecimento não deriva da falta de interesse, como o comprovam os índices de assistência», explica. Resulta, sim, da escassa exibição de filmes portugueses recentes, «sendo que o interesse do público chileno é notoriamente maior pela produção cinematográfica contemporânea e/ou conceituada (filmes premiados; realizadores afamados, etc.)». Aqui entronca aquela que é a principal dificuldade sentida pela leitora do IC: a «manifesta insuficiência» de filmes portugueses recentes (últimos cinco anos) legendados em espanhol.

Os outros agentes culturais falam também da «falta de recursos». Para Ferreira da Silva o problema dos recursos é agravado em Israel pelo facto de as cinematecas não quererem ouvir falar em DVD e só trabalharem com cópias de 35 mm, o que onera os custos de transporte, objeto de restrições. Já para Chaby Vaz, importante em Espanha «seria poder contar com um espaço onde a programação regular fosse essencialmente de cinema português ou em língua portuguesa».

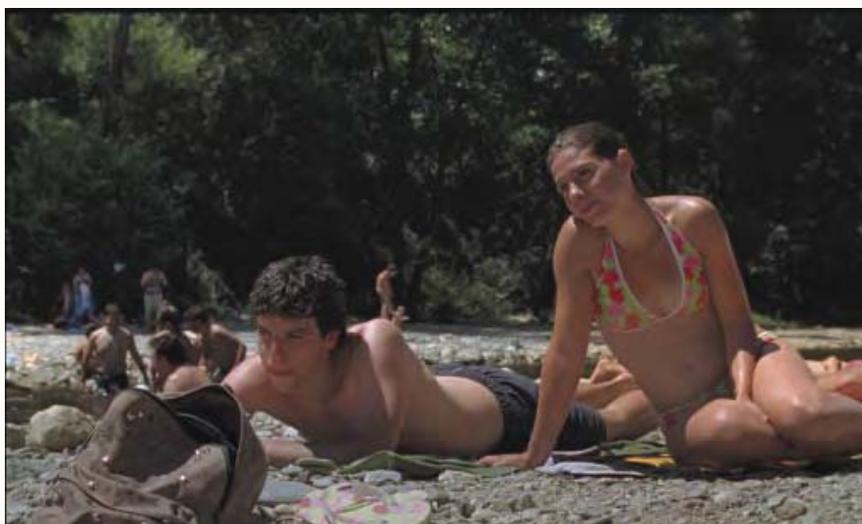
A falta de recursos é uma espécie de «caticismo» quando se fala destas coisas, como refere Lopes Graça, que sublinha no entanto que o objetivo não é «liderar» a divulgação da cinematografia portuguesa, mas servir de ponte entre os agentes locais que a querem (e sabem) fazer e as instituições nacionais que podem dar resposta a solicitações concretas». Como diz Ferreira da Silva «haja bons filmes para exibir e temos todas as portas abertas».

What the Tourists Should See (2009), de José Fonseca e Costa, representou Portugal no Festival de Cinema Europeu em Santiago e noutras cidades do país e abriu a Mostra Portuguesa, cuja qualidade e originalidade foi sublinhada pelo diretor da Cinemateca chilena, Ignacio Aliaga.

Portugal participou na *Mostra Ibero-americana* – que exibiu 30 títulos de 17 países – com o filme *Rasganço* (2001), da realizadora Raquel Freires.

Em 2011, o projeto é participar novamente no Festival de Cinema Europeu – que conta já com doze edições – e na Mostra de Cinema Ibero-americano – na 5ª edição.

As dificuldades de assegurar uma programação de qualidade, devido à falta de filmes recentes legendados, inviabilizam uma 3ª Mostra de Cinema Português, mas Natividade Lemos espera que o protocolo recentemente assinado entre o IC e o ICA, que tem uma disposição sobre legendagem de filmes, venha a solucionar o problema.



Aquele Querido Mês de Agosto (2008) de Miguel Gomes

Internacionalização na rede IC Aqueles queridos filmes

«*Aquele Querido Mês de Agosto* (2008), de Miguel Gomes, foi em 2010 o filme português mais passado em iniciativas culturais no mundo, por ação, ou com o apoio, da rede do Instituto Camões (IC) ou que beneficiaram dos financiamentos à internacionalização da cultura portuguesa concedidos pelo IC.

Um total de 135 filmes portugueses ou lusófonos, de diversos formatos e tipos, recentes ou antigos, foram em 2010 exibidos com intervenção direta ou indireta do IC, em festivais, mostras, ciclos e retrospectivas que decorreram em 45 países.

Esta lista não contempla os filmes que fazem parte do programa *Agência – Uma Década em Curtas!*, com 10 anos de curtas-metragens portuguesas, em itinerância em 2010 pela rede de leitorados, centros de língua portuguesa e centros culturais, ao abrigo de um protocolo celebrado com a Agência da Curta Metragem (ACM). Ao todo, foram 50 filmes agrupados em 13 temas, o mesmo é dizer em 13 sessões, que duravam entre 60 e 90 minutos.

Todo este movimento vai ser e já está a ser potenciado em 2011 pelo protocolo de colaboração para a promoção do cinema português no exterior celebrado a 13 de janeiro entre o IC e o Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA), através, nomeadamente, da exibição «sem fins comerciais» de filmes, nas atividades desenvolvidas pelas duas instituições (v. suplemento do Instituto Camões no *Jornal de Letras* nº 1053, 9–22 de fevereiro de 2011).

Depois da película de Miguel Gomes, com presença em 15 eventos diferentes, *Singularidades de Uma Rapariga Loira* (2009), de Manoel de Oliveira, com 8 presenças, foi o segundo filme da lista, em que se seguem *Os Mistérios de Lisboa*, *What the tourist should see* (2008), de José Fonseca e Costa, com 7 presenças, e depois *Ganhar a Vida* (2000), de João Canijo, *A Corte do Norte*, de João Botelho (2008), e *Capitães de Abril* (2000), de Inês Medeiros, todos eles com 6 presenças.

Manoel de Oliveira é contudo o realizador cujos filmes são mais requisitados: 12 obras suas estiveram em 2010, em iniciativas apoiadas pelo IC, em múltiplos festivais de cinema europeu ou da União Europeia, mostras de obras ibero-americanas e ciclos de cinema português. No total, os filmes de Oliveira foram projetados em 19 países, tão diversos como a Arábia Saudita ou os Estados Unidos, passando, entre outros destínos menos óbvios, pela Etiópia, Quênia, Egito, Colômbia, Equador, Coreia do Sul, Tailândia ou Ucrânia. Num dos países, Israel, a sua obra foi mesmo objeto de uma mostra retrospectiva nas cinematecas de Jerusalém, Telavive e Haifa, organizada com o apoio da embaixada de Portugal e do IC.

Quase tão procurados como Oliveira estiveram Pedro Costa e Miguel Gomes. O realizador de *Juventude em Marcha* (2006), esse «aventureiro dos mares quentes do mundo real», na expressão do crítico francês Jean-Michel Frodon na

apresentação do ciclo sobre Pedro Costa que decorreu no ano passado na Cinemateca Francesa, teve em setembro de 2010 uma mostra dedicada à sua cinematografia no Brasil, e em abril/maio na Coreia do Sul, onde uma retrospectiva foi exibida por iniciativa da embaixada de Portugal, com o apoio do IC, no JIFF – Jeonju International Film Festival.

Já Miguel Gomes, que foi presença assídua em 2010 em inúmeros festivais e ciclos de cinema europeu, viu duas das suas longas-metragens (*Aquele Querido Mês de Agosto* e *A Cara que Mereces* [2004]) e mais 6 curtas-metragens – entre as quais a inclassificável e curtíssima *Pre-Evolution Soccer's, One-Minute Dance after a Golden Goal in the Master Language*, baseada num jogo de vídeo sobre futebol – serem escolhidas para representar o cinema português no XXI AFI Latin American Film Festival, que decorreu em setembro/outubro em Silver Springs, junto a Washington.

Do filme que projetou Miguel Gomes, disse o American Film Institute, entidade organizadora do festival de Washington, que se trata de «um documentário, uma narrativa, um filme concerto, um filme de viagem e o seu próprio «making of» – tudo em um!».

Fernando Lopes, Leonel Vieira, João Canijo, António-Pedro Vasconcelos e José Fonseca e Costa são outros tantos cineastas que constituem presença regular e destacada nos festivais e ciclos de cinema europeu e lusófono pela mão do IC.

Filmes disponíveis no ICA

Centenas de filmes de todos os géneros – curtas e longas-metragens, documentários, ficção e animação, destinados à projeção em sala ou para televisão – constituem o acervo do Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA) disponível para utilização pela rede Instituto Camões (IC) no estrangeiro e pelas embaixadas portuguesas.

Deste conjunto de obras, apenas uma parte está legendada em inglês (212 filmes), francês (56) e espanhol (28). O problema da legendagem – uma das questões mais sentidas pelos agentes culturais portugueses no exterior – foi um dos aspetos contemplados no protocolo de colaboração assinado em janeiro entre o IC e o ICA para uma maior articulação no protocolo de colaboração português no estrangeiro.

O documento prevê o compromisso por parte do ICA na apresentação ao IC, anualmente, de «uma lista de títulos, com indicação de legendagem e formatos, com incidência nas produções dos últimos três anos, com vista à sua disponibilização para a rede diplomática e postos consulares e para a rede EPE [Ensino Português no Estrangeiro]». O ICA comprometeu-se ainda a «analisar caso a caso e, mediante disponibilidade orçamental, a possibilidade de integrar no seu Plano de Atuação anual eventual legendagem de títulos que, pela incidência e contexto de participações previstas pelo IC, sejam considerados relevantes» por ambas as instituições.

Hugo Lourenço, do Departamento de Cinema e do Audiovisual do ICA, referiu que a legendagem é o mais das vezes feita no âmbito dos apoios concedidos à participação dos filmes portugueses em festivais internacionais, sendo nos restantes casos feita «na medida das disponibilidades orçamentais».

Para além dos filmes do ICA, o IC tem disponibilizado à sua rede em formato digital um conjunto de documentários, criados por produtoras portuguesas, resultantes de contratos de aquisição de cópias acompanhadas dos direitos de exibição..

Em 2010, aos documentários sobre figuras da cultura portuguesa, da produtora e editora Midas, adquiridos também em anos anteriores, veio juntar-se a coleção de documentários Imagiográfica, sobre os países africanos de língua oficial portuguesa, da produtora Lx Filmes, para divulgação na rede diplomática, consular e do IC.

> CURTAS <

Cinema de animação em Luanda

❗ O trabalho do realizador português José Miguel Ribeiro abriu o Ciclo de Cinema de Animação, que teve lugar de 23 a 25 de fevereiro, em Luanda, por iniciativa do Centro Cultural Português/Instituto Camões (CCP/IC).

Foi a segunda vez que José Miguel Ribeiro esteve em Luanda, tendo aproveitado a estadia para dirigir uma oficina de trabalho de introdução ao cinema de animação para 15 jovens angolanos, no CCP/IC.

O Ciclo exibiu um total de 25 filmes de animação, entre os quais 5 de José Miguel Ribeiro, vencedor de diversos prémios. Além de José Miguel Ribeiro, o Ciclo mostrou filmes de Pedro Lino, Nuno Beato, Pedro Serrazina, Joana Toste, Pedro Mota Teixeira, Silvino Fernandes e Paulo Sousa, Regina Pessoa, Luís da Matta Almeida, Filipe Abranches, Afonso Cruz, Agostinho Marques, Nuno Amorim e Zepe.

Gonçalo M. Tavares e Cabrita Reis na Bélgica

❗ Gonçalo M. Tavares vai participar no Festival cultural *Passa Porta*, que decorrerá em Bruxelas, a 24-27 de março, enquanto em Lovaina continua patente até maio no M - Museum a exposição *One after another, a few silent steps*, de Pedro Cabrita Reis - ambas iniciativas apoiadas pela Embaixada de Portugal.

A exposição reúne 40 obras - esculturas, pinturas, fotografias e instalações - algumas das quais inéditas. Pedro Cabrita Reis (Lisboa, 1956) é um dos artistas plásticos mais influentes de sua geração. Desde 1990 que o seu trabalho tem abordado questões como a habitação, a construção e o território.

Já o escritor português marcará presença em vários momentos do festival que, durante 4 dias, animará a capital belga, e que tem como tema a frase *On the move*, numa alusão a «viagens reais ou imaginárias, partidas forçadas ou voluntárias, exílios e errâncias».

No festival, destaca para a presença de Gonçalo M. Tavares num encontro, a 27 de março, com mais dois escritores e o editor John O'Brien, responsável pela antologia anual *Best European Fiction*.

No mesmo dia, falará ainda sobre as suas mais recentes obras com Harrie Lemmens, um tradutor para holandês de autores de língua portuguesa.



I Dream Your House Was a Line Instalação de Pedro Cabrita Reis

Saramago em homenagem catalã

❗ Trechos da obra de José Saramago foram lidos em português, castelhano, alemão, francês, árabe, inglês, italiano, russo e japonês, numa homenagem ao escritor que o Instituto Camões de Barcelona promoveu em fevereiro.

A homenagem ao Nobel da Literatura incluiu, além da leitura de textos, a exibição do documentário *José & Pilar* (2010), de Miguel Gonçalves Mendes, na Faculdade de Tradução e Interpretação da Universidade Autónoma de Barcelona.

Promovida pela Cátedra *José Saramago* do Instituto Camões na capital catalã, coordenada por Helena Tanqueiro, que fez as apresentações, a sessão teve a participação de Pilar del Río - viúva do escritor, tradutora para castelhano e presidente da FJS - que, juntamente com o realizador do documentário, debateu com os alunos da Faculdade as traduções da obra do escritor.

«Trilogia de antologias» da Literatura-Mundo

❗ A produção de uma «trilogia de antologias» é a «etapa inicial» do projeto Literatura-Mundo, desenvolvido pelo Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e o seu primeiro volume - *Literatura-Mundo em Português* - deverá ser publicado «no início de 2012», segundo Helena Carvalho Buescu, coordenadora do projeto.

«Os outros dois volumes - *Em tradução. Literatura europeia* e *Em tradução. Literatura-Mundo* - serão desejavelmente publicados entre o final de 2012 e meados de 2013». «Estes prazos devem-se não apenas ao facto de que se trata de um trabalho de equipa, que irá mobilizar dezenas de colaboradores em diversos países, mas ainda que exige, além do trabalho de antologização propriamente dito, duas realizações morosas: a de tradução e a de negociação de direitos de autor», acrescenta a professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A trilogia pretende responder à «tripartição da literatura portuguesa no mundo», ou seja, em primeiro lugar à literatura portuguesa «como parte de um fenómeno europeu», em segundo lugar «como parte de um fenómeno lusófono» e em terceiro lugar «como parte de um fenómeno de Literatura-Mundo e literatura mundial», enunciou Helena Buescu, Pró-Reitora da Universidade de Lisboa, no seminário sobre ação cultural externa, realizado a 5 de janeiro no Instituto Camões (IC).

Este projeto, apoiado pelo IC e outras entidades, visa responder a uma preocupação com «a guetização da literatura portuguesa, dos estudos literários em português». Com esta asserção, pretende-se contrariar a tendência nos estudos literários portugueses de «estar a falar em português apenas para as pessoas que são portuguesas ou para as pessoas que, à partida, já estão a trabalhar em português».

A investigadora, Grande Prémio de Ensaio APE/Portugal Telecom 1995, considerou ainda o objeto antologia «interessante à partida» e o «gesto antológico» como «conceptualmente desafiante», por «obrigar a pensar sobre muitas coisas».

A produção de «materiais de qualidade e materiais de base, dirigido a um público culturalmente mais vasto», e não apenas especializado, é uma das tónicas do projeto. Esses materiais serão publicados em Portugal e no Brasil, podendo ocorrer em simultâneo, com distribuição noutros países lusófonos, existindo já um acordo com a *Babel* para a sua publicação.

H. Buescu deu também uma explicação sobre o que entende por



Helena Buescu

Literatura-Mundo, diferente da Literatura Mundial. Enquanto esta se define pelo «conjunto de todas as produções literárias publicadas em todo o mundo, independentemente do seu estatuto e da forma como circulam ou da forma como são ou não traduzidas, ou da forma como conseguem produzir uma ação em sistemas culturais que não os seus de origem», a Literatura-Mundo é «uma espécie de refração da Literatura Mundial e define um certo tipo de textos literários que circulam, nomeadamente através da tradução, em sistemas culturais que não apenas os seus de origem». «Nem tudo aquilo que pertence à Literatura Mundial é um objeto da Literatura-Mundo», sintetizou.

CÂNONES NACIONAIS

A primeira antologia «será de literatura mundo escrita em português», «feita com colaboradores especializados, não apenas portugueses, mas dos vários países de língua oficial portuguesa, no sentido de construir uma antologia das literaturas do mundo lusófono». Trata-se de «perceber num contexto lusófono o que é que da literatura portuguesa transita para esse contexto, ao lado do contexto brasileiro, angolano, moçambicano, cabo-verdiano, etc., mas também de outras literaturas não imediatamente recordadas», afirmou, citando os casos de Goa e de Macau.

A segunda antologia será resultante do ELiCa (*European Literary Canon*), um projeto europeu, aprovado pela Comissão Europeia, «em torno da definição daquilo que pode ser um cânone das várias literaturas europeias» e em que o Centro de Estudos Comparatistas participa.

A investigadora, Prémio *Jacinto Prado Coelho* de 2001, explicou que «há países da UE que têm um cânone nacional definido», referindo os casos da Holanda, Dinamarca e outros países do norte da Europa. É uma questão com «uma importância muito grande», sobretudo o

européu, secundário e internacional.

Esta segunda antologia «definirá um outro contexto de atuação da literatura portuguesa, fazendo-a transitar para a plataforma europeia», quadro diferente, histórica e geograficamente do contexto lusófono. Indo «muito mais atrás do que no contexto lusófono», trata-se de reunir um conjunto de textos escritos fazendo parte do cânone europeu, a partir de traduções: «Há traduções excelentes das literaturas europeias que são hoje válidas», afirmou. «Há outras que foram excelentes no século XVIII ou no século XIX, tiveram o seu momento, mas naturalmente já não são hoje legíveis da mesma forma», referindo o exemplo de Homero, que foi retraduzido há poucos anos. Mas a antologia compreenderá outros autores da literatura europeia que nunca foram traduzidos. Esta antologia possibilitará «uma perspetiva comparatista» que reconheça «a dimensão mundial para que apontam as traduções para portugueses de textos pertencentes a uma enorme diversidade de géneros, épocas, línguas e períodos histórico-culturais», explicou.

A terceira antologia, cujos contornos ainda não estão ser inteiramente definidos, «é também baseada na tradução» de diversos textos da Literatura-Mundo, muitos deles nunca traduzidos para português. São «textos canónicos ou fundadores a nível mundial, ao nível da escala planetária», adiantou a investigadora universitária, que referiu peças da oratura africana, textos pré e pós-colombianos e da antiguidade, como o poema épico *Gilgamesh*, de que existe uma tradução em português feita por Pedro Tamen. «Esta terceira antologia desloca a literatura portuguesa para um quadro mais vasto. E sobretudo propõe também que passem a ficar disponíveis em português e, portanto, fazendo parte do sistema literário português, um conjunto de textos que nunca existiram como antologia desse ponto de vista».

Sintetizando, Helena Buescu afirmou que o projeto visa também, «eventualmente, ter uma intervenção ao nível daquilo que é ensinado». «Eu sempre perguntei se nós, no nosso ensino (...) se não ficáremos mais pobres se nunca lermos uma tragédia de Sófocles numa boa tradução ou um conto de Tchekov».



Instituto Camões

Rua Rodrigues Sampaio, 113
1150-279 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlencarte@instituto-camoes.pt
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Mário Filipe
COLABORAÇÃO Carlos Lobato;
Ricardo Neves